

Informativo Semanal de Economia Bancária

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162

Comentário Semanal

Na semana do Copom, pesquisa Focus não trouxe mudanças significativas nas principais projeções do mercado. Em especial, a mediana das estimativas para a taxa Selic permaneceu em 7,50% a.a. para o final deste ano e em 8,00% a.a. para Dez/2013, apesar dos mercados futuros já apontarem como visão predominante um corte de 0,25 p.p.. A esta altura, parece mesmo complicado antecipar a decisão do BCB, já que as duas alternativas são possíveis, dependendo da ênfase da análise: se externa, na linha do diretor de assuntos internacionais do BCB, a fraqueza da economia mundial além do esperado poderia recomendar um novo relaxamento da política monetária; por outro lado, se o foco for o mercado doméstico, a expectativa de recuperação da economia neste final de ano e a persistência das expectativas de inflação acima da meta, quem sabe recomendassem a manutenção da Selic em 7,50% a.a.. Resta aguardar com será a decisão do Copom, incluindo-se o teor do comunicado para, quem sabe, antecipar os próximos passos da autoridade monetária. Afinal, como já apontam alguns analistas, dependendo da ênfase a ser dada pelo Copom à piora externa, é possível que o nível de 7,25% a.a., até aqui uma espécie de piso virtual para o relaxamento monetário em curso, deixe de sê-lo. A conferir.

-----xxxxxx-----
Ainda na semana passada, o Relatório de Estabilidade Financeira (REF) do BCB trouxe um recuo na rentabilidade do sistema bancário brasileiro no 1S12, sobretudo pelo aumento das provisões contra inadimplência (a propósito, de acordo com os dados do REF, nos 12 meses encerrados em Junho, as instituições financeiras que operam no Brasil registraram despesas com provisões de R\$ 87,7 bilhões, 57% a mais que o total de lucros do sistema, de R\$ 55,8 bi no mesmo período). A despeito disso, a geração dos lucros segue importante para sustentar a sólida situação de capital do sistema bancário, com índice de Basileia geral de 16,4%, lembrando-se ainda que, segundo o BCB, os bancos nacionais passaram nos testes de estresse realizados e estão bem encaminhados na adaptação das novas regras de Basileia 3. No crédito, o BCB viu uma aceleração no ritmo de crescimento no 2T12, em meio ao cenário de queda das taxas de juros e capitaneado pelos bancos públicos. E também apontou sinais de melhora da inadimplência, com menor nível de atraso nas novas safras e relativa estabilidade no comprometimento de renda. (Veja avaliação mais detalhada nas págs. 3 a 6 do informativo).

Índice

Indicadores Nacionais	pág. 2
Indicadores Internacionais	pág. 2
Destaques da Semana	págs. 3 a 11
Indicadores Úteis	págs. 12 e 13

Informativo Semanal de Economia Bancária

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162

Indicadores Nacionais

Dia	Indicadores Nacionais	Período	Consenso de Mercado	Anterior
08/10 (seg)	FGV: IGP-DI	Set/12	0,88% (efetivo)	1,29%
08/10 (seg)	FGV: IPC-S	Out/12	0,64% (efetivo)	0,54%
10/10 (qua)	FIPE: IPC	Out/12	0,60%	0,41%
10/10 (qua)	FGV: IGP-M (prévia)	Out/12	0,50%	0,84%
10/10 (qua)	BCB: Reunião do Copom - Taxa Selic	Out/12	7,25%	7,50%
11/10 (qui)	IBGE: Vendas no Varejo (M/M e A/A)	Ago/12	0,0% e 9,3%	1,4% e 7,1%

Indicadores Internacionais

Dia	Indicadores Internacionais	Período	Consenso de Mercado	Anterior
08/10 (seg)	Japão: Conta-Corrente	Ago/12	¥ 421,1 B	¥ 625,4 B
10/10 (qua)	EUA: Estoques no atacado	Ago/12	0,4%	0,7%
10/10 (qua)	EUA: Divulgação do Livro Bege	-	-	-
10/10 (qua)	Japão: Encomendas de máquinas (M/M e A/A)	Ago/12	-2,3% e -4,6%	4,6% e 1,7%
11/10 (qui)	EUA: Índice de preços de importados (M/M e A/A)	Set/12	0,7% e -1,3%	0,7% e -2,2%
12/10 (sex)	Z.Euro: Produção industrial	Ago/12	-0,4% e -4,1%	0,5% e -2,4%
12/10 (sex)	EUA: IPP	Set/12	0,8% e 1,8%	1,7% e 2,0%
12/10 (sex)	EUA: Confiança do consumidor - Univ. Michigan	Out/12	78,0	78,3

Informativo Semanal de Economia Bancária

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162

Destaques da Semana

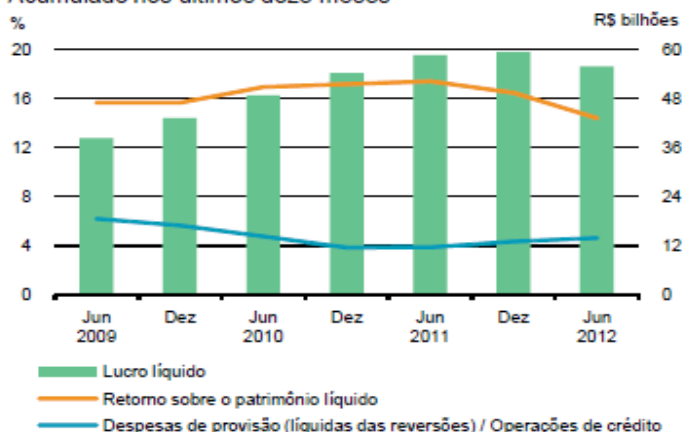
Crédito e Bancos

Relatório de Estabilidade Financeira (REF) - BCB

O Banco Central do Brasil divulgou na semana passada o Relatório de Estabilidade Financeira referente ao primeiro semestre de 2012 e que trouxe importantes dados da economia bancária. De acordo com o relatório, o sistema bancário brasileiro, que inclui 135 instituições (exclui bancos de desenvolvimento e inclui Caixa), acumulou lucro líquido R\$ 55,8 bilhões nos 12 meses encerrados em jun/12, com recuo de 6,1% ante o acumulado em 2011 e de 4,9% ante jun/11 (12 meses), no menor patamar desde dez/10, com ROE de 14,4%, de 16,5% em 2011 e 17,4% nos 12 meses findos em jun/11 e no menor patamar da série informada pelo BCB (10 anos).

Lucro líquido e retorno sobre o patrimônio líquido

Acumulado nos últimos doze meses



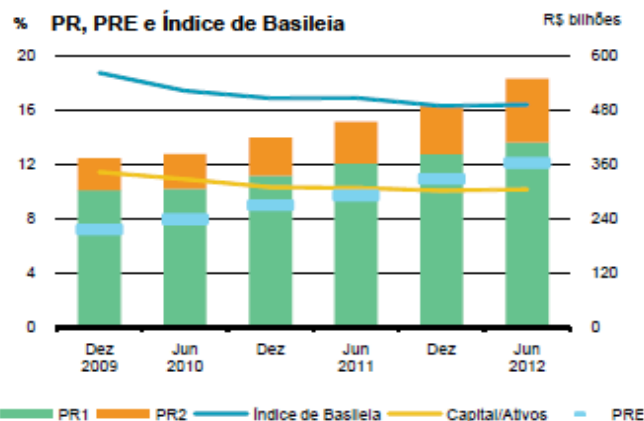
As despesas de provisões acumuladas nos últimos 12 meses aumentaram 11,4% ante dez/11, para R\$ 87,7 bilhões, o maior patamar da série e reduziram o ritmo de expansão do resultado líquido da intermediação financeira, que cresceu apenas 4,5% nessa comparação. O aumento foi insuficiente para cobrir o avanço das despesas administrativas e de pessoal (+6,8% ante os 12 meses findos em dez/11) em relação às receitas de serviços e tarifas (+5,4%), reduzindo o resultado operacional e o lucro final.

As receitas de prestação de serviços representaram 51,9% dessas despesas administrativas e de pessoal, menor patamar desde dez/10, mostrando o crescimento mais acelerado das despesas.

O lucro foi importante para ampliação do Patrimônio de Referência (PR) dos bancos no semestre, em R\$ 55,7 bi, para R\$ 543 bilhões em jun/12 (+11,8% ante dez/11). Mas, a maior contribuição para o PR veio da captação de R\$ 29,6 bilhões em instrumentos subordinados, pelas emissões de dívidas pelos bancos grandes privados e públicos no semestre.

O aumento do PR compensou a elevação de R\$ 35,6 bi do Patrimônio de Referência Exigido (PRE), efeito da expansão da carteira de crédito e do aumento do risco de mercado, como efeito da introdução das novas regras de Basileia 2.5, desde janeiro de 2012. A parcela relativa ao risco de crédito dos bancos cresceu 8,6% no semestre e a de risco de mercado cresceu 67%, apesar da menor representatividade no total do PRE, de 5,3%, ante 89,2% referente ao risco de crédito do sistema. As novas regras de Basileia 2.5, escalonadas durante o ano de 2012, ainda pressionarão o risco de mercado dos bancos. Já a parcela alocada ao risco de crédito deverá ter impacto mais importante a partir de 2013, com a revisão na Circular 3.360, a ser publicada até o final do ano. A revisão, entre outros ajustes, introduzirá algumas recomendações de Basileia 3, notadamente a elevação/introdução dos fatores de ponderação de riscos dos créditos tributários, seguradoras e investimentos relevantes em empresas industriais e comerciais.

A despeito do aumento importante do PRE, o avanço mais acelerado do PR fez o índice de Basileia dos bancos subir para 16,4%, de 16,3% em dez/11 e vindo de 18,8% em dez/09, efeito do crescimento acelerado do crédito em 2010/11, medidas macroprudenciais e também algumas mudanças regulatórias.

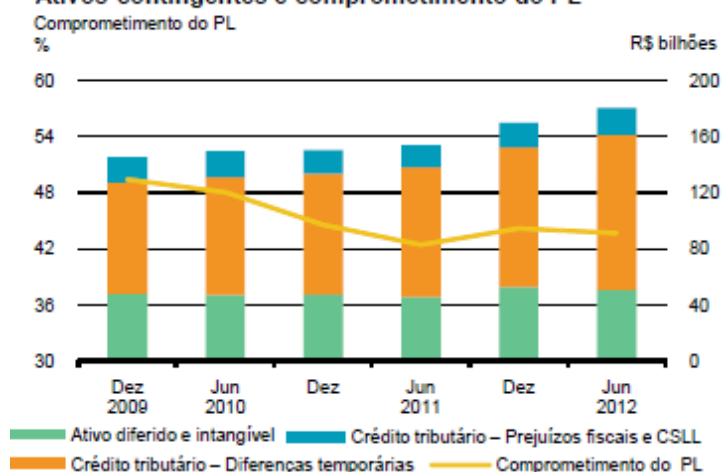


Informativo Semanal de Economia Bancária

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162

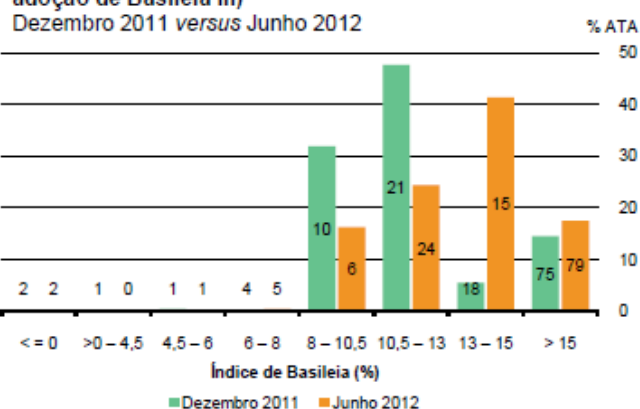
O aumento das despesas de provisões contra inadimplência provocou ainda elevação importante nos créditos tributários derivados de diferenças temporárias (CTDT), que somaram R\$ 110 bilhões em jun/12, +10,8% no semestre e +19,7% em 12 meses. Nas diretrizes atuais de Basileia 3, o volume será excluído em grande parte para apuração do capital e representará o maior impacto individual sobre os bancos brasileiros. Do total acima de CTDT, segundo o BCB, R\$ 59,7 bilhões seriam relativos às provisões para créditos com liquidação duvidosa, derivados do descasamento dos critérios contábil e fiscal no tratamento da inadimplência no Brasil. Esse tipo de CTDT teria qualidade bem superior aos demais e rápida realização, já que deriva praticamente do mero descasamento temporal dos critérios, uma particularidade do Brasil. O restante dos CTDT seriam derivados de questões como PIS/Cofins, provisões cíveis, fiscais e trabalhistas.

Ativos contingentes e comprometimento do PL



O BCB inclusive publicou no REF uma nova simulação sobre os impactos de Basileia 3 no Brasil, com base nas diretrizes do Edital 40/2012. Os números contemplariam a introdução imediata das novas recomendações e mostram evolução entre os resultados publicados nos relatórios passados, apesar de o BCB também não detalhar todas as premissas utilizadas. O BCB estima que em jun/12, as instituições representativas de 83,5% dos ativos do sistema estariam enquadradas no nível de 10,5% (8% mais 2,5% do buffer de conservação) de Capital Total em Basileia 3, de 68% em dez/11 e de apenas 43% da primeira simulação em jun/11.

Distribuição de frequência para o índice de capital total ponderado pelos ativos (simulação da adoção de Basileia III)



Os valores sobre as barras referem-se ao número de IFs com índice de capital pertencente àquele intervalo.

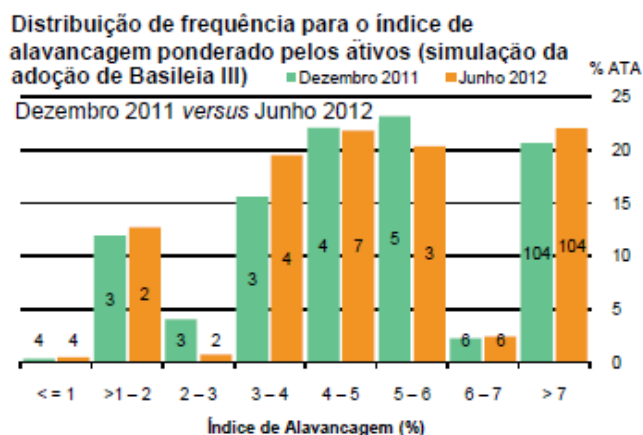
O BCB considerou no estudo que o atual estoque de R\$ 140,7 bilhões em dívidas subordinadas e IHCDs seria válido nas novas regras, o que não ocorrerá na prática. Os instrumentos atuais, em sua maior parte, serão excluídos ao ritmo de 10% a.a. a partir de jan/13, por não contemplarem as características recomendadas pelo BIS, notadamente cláusulas de conversibilidade e/ou extinção em caso de acionamento dos gatilhos definidos. Novos instrumentos terão que ser emitidos ou adaptados, no caso dos IHCDs dos bancos públicos e dos bônus perpétuos recentemente emitidos pelo BB (que possuem cláusula de adaptação para BIS 3).

De todo modo, os instrumentos de Nível 2 perderão um pouco da importância em BIS 3 como fonte de capital, tendo em vista a maior participação do Capital Principal e Adicional Nível 1 no indicador total de Capital. Os instrumentos de Nível 1, pouco usuais hoje no Brasil, devem ganhar relevância. Hoje, o Capital Nível 2 pode representar até metade do PR no cálculo do índice de Basileia, mínimo de 11% no Brasil. Pelas novas regras, do índice de Capital Total mínimo requerido de 10,5%, 8,5 p.p. ou 81% será composto por Capital Principal (no mínimo 7 p.p. incluindo o buffer) e Nível 1 (até 1,5 p.p.) e apenas 2 p.p. poderá ser de Nível 2, ou menos de 20%.

O BCB ainda publicou as simulações para o índice de alavancagem do sistema em Basileia 3, sendo que 8 instituições teriam indicador abaixo dos 3% definidos, representativas de 13,9% dos ativos do sistema bancário em mar/12, de 10 IFs e 16,3% dos ativos do sistema no relatório de dez/11, também com avanços.

Informativo Semanal de Economia Bancária

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162



Por fim, o BCB sugeriu que estuda para o Brasil as novas regras sobre instituições sistemicamente importantes a nível doméstico (D-SIBs), que passaram a fazer parte do escopo de regras de Basileia 3. Segundo o BCB, as primeiras análises para as variáveis consideradas no estudo (tamanho, interconexão, falta de substitutos e complexidade) mostram que as quinze maiores instituições nacionais possuem notas 87% acima da nota do sistema, o que sugere a concentração do risco sistêmico em poucas IFs.

Crédito

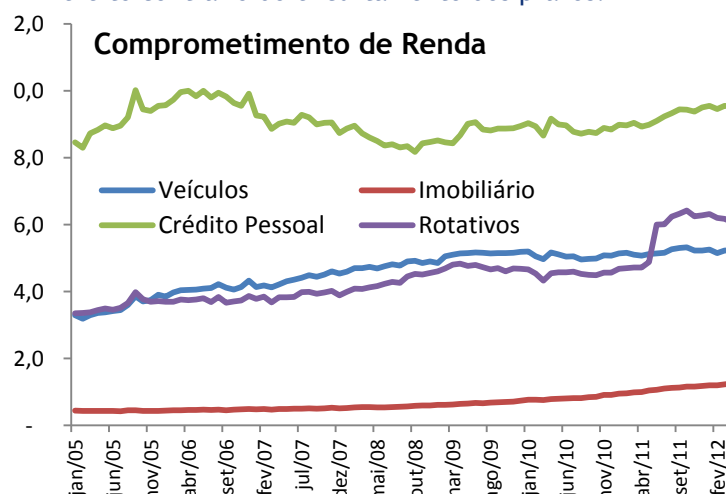
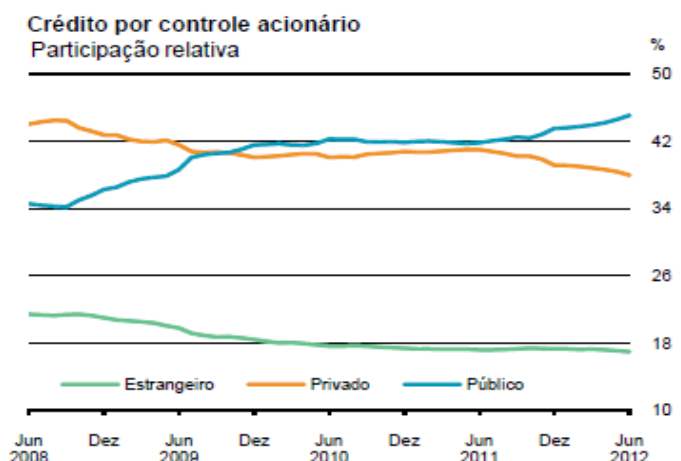
No que se refere ao cenário de crédito, o BCB vê uma aceleração no ritmo de crescimento no segundo trimestre, em meio ao cenário de queda das taxas de juros e capitaneado pelos bancos públicos, sobretudo em veículos e consignados. Esses bancos ganharam participação no sistema, para 45,1% do crédito total em jul/12, de 41,8% um ano antes, sobretudo dos bancos privados, que atingiram 38% do total, de 40,9% um ano antes.

Em relação à inadimplência, o BCB fez uma avaliação do aumento recente pelo arrefecimento da economia e as elevações do endividamento e comprometimento da renda no 2S11. Mas, a autoridade monetária vê sinais de melhora após a maior seletividade da concessão de crédito pelos bancos e observando menor nível de atraso nas novas safras, tanto em veículos como no crédito às famílias, bem como a relativa estabilidade no nível de comprometimento de renda esse ano, que atingiu 22,1% em abril (REF), mas 22,4% nos dados mais recentes de julho.

A esse respeito, o BCB publicou pela primeira vez uma abertura do comprometimento de renda da população por modalidade de crédito, em linha com o que mostramos em informativos anteriores.

Pelo dado oficial de abril, o crédito pessoal (aqui o BCB incluiu crédito pessoal, consignado, cooperativas e outros), concentrava 43% do comprometimento total da renda da população, dado o saldo elevado e os prazos não tão longos. Já as linhas rotativas (cartão e cheque especial) representariam 27% do total. O dado está em linha com nossos cálculos, que indicam o cartão responsável por mais de 80% do total do comprometimento com as linhas rotativas. A alta nesse segmento em jun/11, como vemos no gráfico abaixo, foi efeito da elevação do pagamento mínimo da fatura para 15%, de 10% anteriormente. O cheque especial, por sua vez, concentraria apenas cerca de 1 p.p. do comprometimento total de renda (menos de 20% do total dos rotativos).

Segundo o BCB, o segmento de veículos também seria representativo, concentrando 24% do total do comprometimento. O segmento vem perdendo um pouco de participação nos últimos meses, com a desaceleração recente mais que compensando o efeito contrário do encurtamento dos prazos.



Informativo Semanal de Economia Bancária

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162

Na Zona do Euro, destaque para os dados de produção industrial na sexta-feira (mediana: -0,4%, máx: 1,0%, mín: -1,2%).

Semana Passada: Destaques

Inflação

IPC-S

O IPC-S de setembro subiu 0,54%, ligeiramente maior que os 0,53% na penúltima semana do mês e acima dos 0,44% do fechamento de agosto. O resultado veio em linha com a mediana projetada pelos analistas em 0,54% (máx: 0,57%, mín: 0,51%). No acumulado do ano o IPC-S atingiu 4,07% e em doze meses, 5,73%.

Destaque para as taxas de variações entre agosto e setembro dos grupos: Comunicação (0,27% para 0,51%), Saúde e Cuidados Pessoais (0,38% para 0,42%), Habitação (0,37% para 0,40%), Transportes (0,11% para 0,14%) e Despesas Diversas (0,23% para 0,25%). Com decréscimo, vale ressaltar as seguintes classes: Alimentação (1,28% para 1,23%), Vestuário (0,64% para 0,60%) e Educação, Leitura e Recreação (0,11% para 0,07%).

IPC-Fipe

Quanto ao IPC-Fipe o avanço foi maior passando de 0,27% no fechamento de agosto para 0,55% em setembro e de 0,41% na penúltima quadrissemana de setembro. O resultado veio bem acima da mediana das estimativas de 0,46% (máx: 0,51%, mín: 0,39%).

O destaque fica por conta do grupo Alimentação com avanço de 1,74%, correspondendo a 72,31% do IPC-Fipe, e Saúde com variação de 0,56%, contribuindo com 7,93% do índice.

IC-Br

A inflação das *commodities* teve alta de 0,29% em setembro, ante agosto, quando havia recuado para 0,08% ante julho. O índice saiu de 135,05 pontos em agosto para 135,45 pontos em setembro. No acumulado do ano o IC-Br está em 8,93% e 3,61% em doze meses. O dado ficou abaixo do piso das projeções dos analistas, de 0,70% a 2,30%, com mediana em 0,98%. Para o dado anual a mediana projetada era de 5,70% (máx: 7,40%, mín: 4,30%).

Por fim, ainda que pouco representativo no total do comprometimento da renda, com 5,7% (1,3 p.p. dos 22,1% de abril/12), efeito do prazo longuíssimo, o crédito imobiliário vem ganhando participação diante do crescimento acelerado. De todo modo, podemos notar que a composição do comprometimento de renda no Brasil é oposta daquela observada nos países mais desenvolvidos. Nesses países o crédito imobiliário representa boa parte do estoque de Pessoa Física, o que, pelo efeito prazo, transparece um menor comprometimento da renda.

Para ilustrar, mantido o mesmo estoque atual usado pelo BCB no cálculo do comprometimento de renda no Brasil e mesmos prazos e taxas, supondo que 80% fosse crédito imobiliário, como nos EUA, e redistribuindo o restante pelas linhas e pesos atuais, o comprometimento de renda no Brasil seria de 9,8%, dos 22,1% atuais. De todo modo, como vimos nas demais economias, isso não é representativo de garantia contra crises, exigindo monitoramento próximo.

Calendário Semanal: Destaques

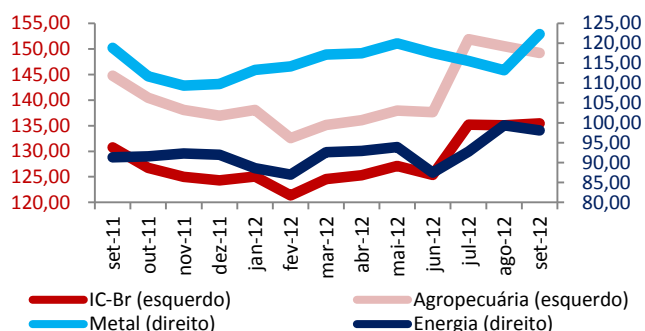
Como abordado no início do informativo, o destaque da semana no mercado doméstico é a divulgação da taxa Selic pelo Copom, com a expectativa dos analistas em 7,25% (máx: 7,50%, mín: 7,25%).

Nesta manhã já foram divulgados dados de inflação, como o IGP-DI de setembro, que ficou em 0,88%, ante 1,29% em agosto. O dado foi superior à mediana projetada pelos analistas, em 0,83% (máxima: 0,95%, mínima: 0,71%). Também nesta segunda-feira, saiu o IPC-S da primeira semana de outubro, em 0,64%, de 0,54% anteriormente, e também superior à mediana projetada em 0,60% (máxima: 0,65%, mínima: 0,50%).

Adicionalmente serão divulgados os seguintes indicadores: IPC-Fipe (mediana: 0,60%, máx: 0,67%, mín: 0,55%), IGP-M - prévia (mediana: 0,50%, máx: 1,09%, mín: 0,27%) e vendas no varejo (mediana: 0,0%, máx: 1,2%, mín: -0,9%).

No cenário internacional, a semana também terá poucos indicadores. Nos EUA, destaque para a divulgação do livro bege na quarta-feira, dados de inflação como o índice de preços de importados na quinta-feira (mediana: 0,7%, máx: 2,2%, mín: 0,2%), IPP (mediana: 0,8%, máx: 1,7%, mín: 0,2%) e a prévia da confiança do consumidor pela Univ. Michigan (mediana: 78,0, máx: 81,0, mín: 75,0) na sexta-feira.

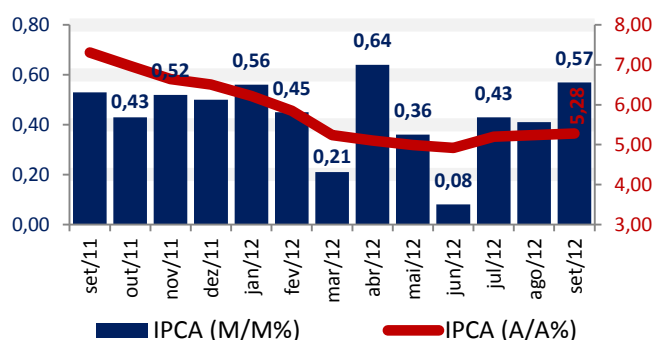
Informativo Semanal de Economia Bancária



O resultado de setembro foi puxado pela queda de 0,89% no setor agropecuário, (carne de boi, óleo de soja, trigo, açúcar, milho, café, arroz e carne de porco, entre outros), e pelo recuo de 1,28% no grupo de energia, notadamente nos preços do petróleo, gás natural e carvão. Por sua vez, o segmento de metais registrou alta de 8,05% nessa comparação, influenciado pelo anúncio das novas medidas de afrouxamento monetário nos EUA. Para os próximos meses são esperados novos recuos no grupo agropecuário, em virtude da melhora na safra.

IPCA

O IPCA ficou em 0,57% em setembro, de 0,41% em agosto e de 0,53% em set/11. No acumulado do ano o índice ficou em 3,77%, de 4,97% no mesmo período de 2011. Em doze meses a inflação passou para 5,28%, ante 5,24% no mês anterior. Os dados vieram dentro do intervalo das expectativas dos analistas, de 0,50% a 0,65%, na base mensal e de 5,20% a 5,31% em base anual, mas acima da mediana de 0,56% e 5,26%, respectivamente.



O destaque em setembro continuou no grupo Alimentação, com alta de 1,26%, de 0,88% em agosto, sendo ainda a maior contribuição para o índice, de 53%. Destaque-se ainda o avanço em Habitação (0,71%) devido, em maior parte, aos aumentos registrados nas tarifas de energia elétrica, aluguel residencial, condomínio, taxa de água e esgoto e gás

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, N.º. 162

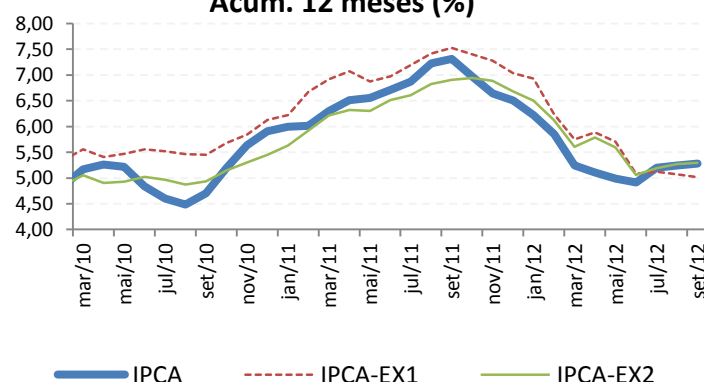
de botijão. Vale ressaltar ainda a aceleração do grupo Despesas Pessoais que passou para 0,73% em setembro, ante 0,42% em agosto, dado o aumento de -0,54% para 0,74% no item recreação e de 1,11% para 1,24% em empregados domésticos. Em Vestuário, com alta de 0,89%, de 0,19% em agosto, o avanço se deu pela entrada da nova coleção no mercado.

Com decréscimo, o grupo Transportes variou de 0,06% em agosto para -0,08% em setembro, influenciado pelos preços de automóveis usados, conserto de automóveis e gasolina. Quanto às Despesas com Saúde e Cuidados Pessoais, que recuaram de 0,53% em agosto para 0,32% em setembro, a influência veio dos remédios e dos artigos de higiene pessoal.

Grupo	Variação (%)		Impacto (P.P)	
	Agosto	Setembro	Agosto	Setembro
Índice Geral	0,41	0,57	0,41	0,57
Alimentação e Bebidas	0,88	1,26	0,21	0,30
Habitação	0,22	0,71	0,03	0,10
Artigos de Residência	0,40	0,18	0,02	0,01
Vestuário	0,19	0,89	0,01	0,06
Transportes	0,06	-0,08	0,01	-0,02
Saúde e Cuidados Pessoais	0,53	0,32	0,06	0,04
Despesas Pessoais	0,42	0,73	0,04	0,08
Educação	0,51	0,10	0,02	0,00
Comunicação	-0,01	0,03	0,00	0,00

Quanto ao núcleo da inflação, as médias aparadas com exclusão EX1 desaceleraram, de 0,40% em agosto para 0,39% em setembro, já EX2 aceleraram de 0,40% para 0,47%. No IPCA-MS, houve alta de 0,49% em setembro, de 0,50% em agosto e o IPCA-DP passou de 0,45% para 0,51%.

Acum. 12 meses (%)



Não se espera desaceleração relevante na inflação nos próximos meses. Pela pesquisa FOCUS, o IPCA encerrará 2012 em 5,42% e 2013 em 5,44%.

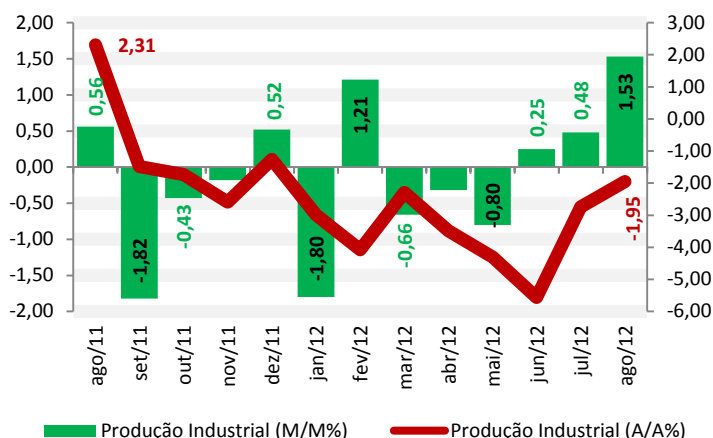
Nível de Atividade

Produção Industrial

Informativo Semanal de Economia Bancária

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162

Em continuidade ao ciclo de aumento iniciado há três meses, a produção industrial de agosto avançou 1,5% em relação a julho, acumulando alta de 2,3% neste período. Em relação a ago/11, porém o dado ainda ficou negativo, em -2,0%, porém com menos intensidade que nos meses anteriores. No acumulado do ano até agosto o indicador recuou 3,4% ante janeiro/2011, e -2,9% em doze meses. Apesar de melhores que os anteriores, os resultados mensal e anual da produção industrial vieram piores que a mediana das estimativas dos analistas, de 2,0% (máx: 3,4%, mín: 1,0%) em base mensal e -1,6% (máx: 0,0%, mín: -2,8%) em base anual.



Apesar de ainda baixo resultado, a produção agora aponta para uma disseminação da alta na maioria dos setores, e não mais apenas em veículos ou eletrodomésticos em função de medidas de incentivo. A maior parte (20) dos 27 grupos da produção industrial demonstrou crescimento em agosto, ante julho, com destaque para o setor de veículos (3,3%), dado o aumento da produção de automóveis. Com variações positivas também ficaram os Alimentos (2,1%), Fumo (35,0%), Refino de petróleo e produção de álcool (2,5%), Outros prod. químicos (1,9%), Farmacêutica (3,1%) e Material eletrônico, aparelhos e equip. de comunicações (5,9%). Já, com decréscimo destacem-se Máquinas e equipamentos (-2,6%).

Categorias de Uso	Variação (%)			
	Ago/Jul	Ago12/Ago11	Acumulado	12 M
Bens de Capital	0,3	-13,0	-12,2	-8,5
Bens Intermediários	2,0	-0,5	-2,1	-1,6
Bens de Consumo	1,2	-0,2	-2,1	-2,5
Duráveis	2,6	0,1	-7,3	-8,0
Semi e Não Duráveis	1,2	-0,3	-0,4	-0,7
Geral	1,5	-2,0	-3,4	-2,9

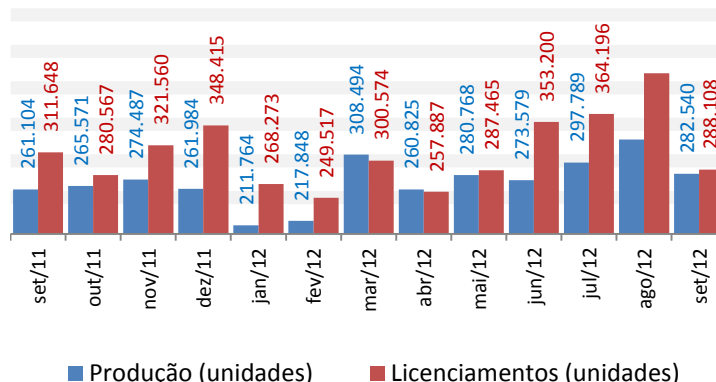
Ante ago/11 houve queda de 2,0%, sendo a maior parte dos grupos (16) com variações negativas, e aqui destaca-se novamente o ramo de veículos automotores, com -11,2%, sendo -79% na produção de caminhões, motores, autopeças e chassis. Ainda com taxas negativas ficaram: Máquinas e equipamentos (-6,6%), Edição, impressão e reprodução de gravações (-11,5%), Material eletrônico e equip. de comunicações (-12,6%), Metalurgia básica (-5,5%) e Alimentos (-2,1%). Quanto aos setores com contribuição positiva ressaltamos: Outros químicos (8,9%), Refino de petróleo e produção de álcool (7,1%), Outros equip. de transportes (7,2%), Farmacêutica (4,6%) e Bebidas (4,7%).

Entre as categorias de uso, o setor de bens de capital, com -13,0%, teve movimento influenciado pela baixa produção de caminhões e chassis com motor para caminhões e ônibus. Os segmentos de bens intermediários e bens de consumo semi e não duráveis recuaram 0,5% e 0,3%, respectivamente. Em contrapartida, a produção em bens de consumo duráveis avançou 0,1%, dada maior fabricação de automóveis (6,5%), eletrodomésticos da "linha branca" (14,6%) e de artigos do mobiliário (10,0%).

A recuperação da atividade industrial tem se dado gradualmente e espera-se ainda um desempenho mais favorável nos próximos meses. Para o final de 2012 a expectativa FOCUS é de produção industrial em -1,92% e em 2013, +4,10%.

Setor Automobilístico

A produção de veículos em setembro somou 282.540 unidades, -14,2% ante agosto (329.266), +8,2% ante set/11 (261.104) e -5,5% nos nove meses deste ano, em relação ao mesmo período de 2011.



Quanto às vendas de veículos, houve queda de 31,4% em setembro, com 288.108 unidades. Além do efeito calendário negativo, parte do recuo deve-se ao

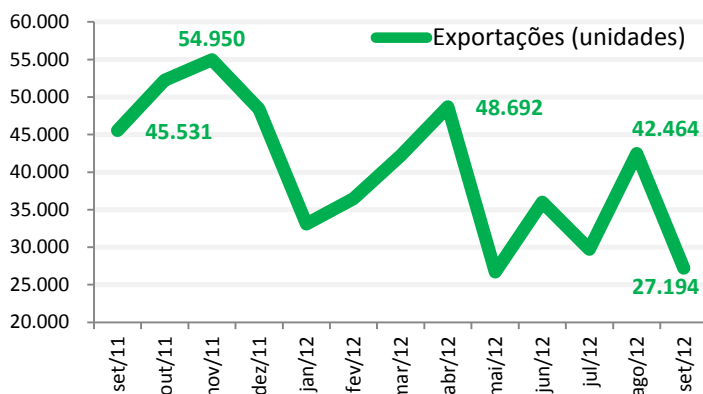
Informativo Semanal de Economia Bancária

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, N.º. 162

avanço das vendas em agosto, antes do fim da redução do IPI, que terminaria em 31 de agosto, mas foi prorrogado para 31 de outubro. Ante set/11 as vendas decresceram 7,6%. No acumulado do ano até setembro, foram emplacadas 2.789.300 unidades, +4,0% sobre mesmo período de 2011. As exportações alcançaram 27.194 veículos, -36,0% no mês, e -40,3% ante set/11.

Quanto às exportações houve redução de 5,1% da média diária ante o mesmo período de 2011, para US\$ 1,0 bilhão. O decréscimo das exportações foi por conta das vendas externas de semimanufaturados (-15,6%) e básicos (-7,9%), com destaque para a queda em ouro, óleo de soja em bruto, alumínio, ferro/aço, açúcar e celulose. A média diária das importações caiu 4,9% ante o mesmo período de 2011, para US\$ 918 milhões em jan-set de 2012, pelo recuo nos gastos com combustíveis e lubrificantes (-25,6%), matérias-primas e intermediários (-3,6%) e bens de consumo (-1,9%). Compras de bens de capital registraram aumento de 9,3%.

Para o final de 2012, a expectativa FOCUS é de saldo comercial superavitário em US\$ 18,0 bilhões, com exportações de US\$ 253,7 bilhões e importações de US\$ 236,6 bilhões.



Cenário Internacional e Mercados

Sector Externo

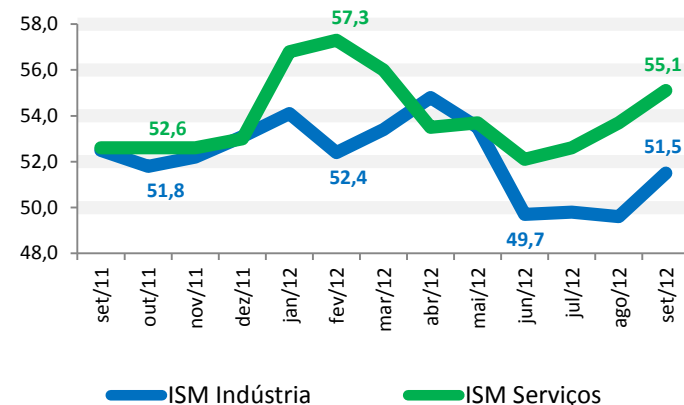
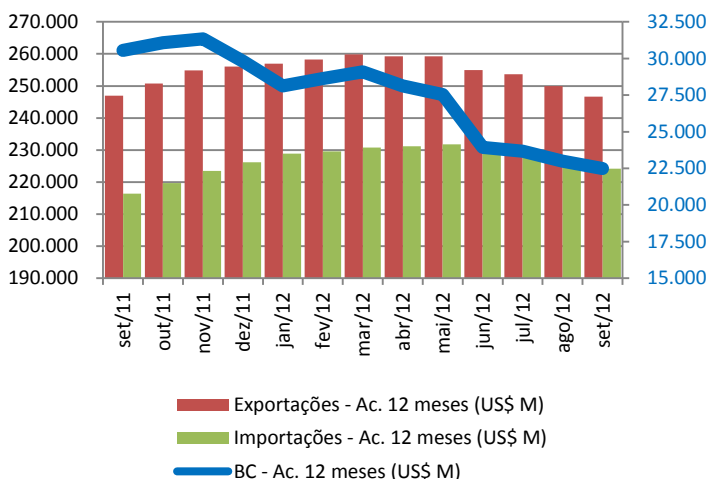
Balança Comercial

O saldo comercial em setembro teve superávit de US\$ 2,6 bilhões, -17% que o registrado em mesmo período de 2011 (US\$ 3,1 bilhões). As exportações somaram US\$ 20,0 bilhões, de US\$ 17,4 bilhões das importações em setembro. O superávit da balança comercial, porém, ficou abaixo da mediana projetada pelos analistas, em US\$ 2,7 bilhões (máx: US\$ 3,2 B, mín: US\$ 2,3 B), bem como as exportações em US\$ 20,4 bilhões (máx: US\$ 23,5 B, mín: US\$ 20,0 B) e as importações em US\$ 17,6 bilhões (máx: US\$ 20,4 B, mín: US\$ 17,4 B). No acumulado do ano, o superávit somou US\$ 15,7 bilhões, com as exportações em US\$ 180,6 bilhões e importações de US\$ 164,9 bilhões.

EUA

Nível de Atividade

Em setembro, atividade industrial norte-americana avançou para 51,5 pontos, de 49,6 em agosto e surpreendeu, ficando acima da mediana projetada pelos analistas, em 49,7 (máx: 51,2, mín: 48,0). Já o ISM Serviços passou de 53,7 para 55,1 em setembro, e também acima da mediana projetada em 53,4 (máx: 54,7, mín: 51,5). A expansão destes indicadores acima do nível de 50 pontos corrobora a retomada do nível de atividade dos EUA.

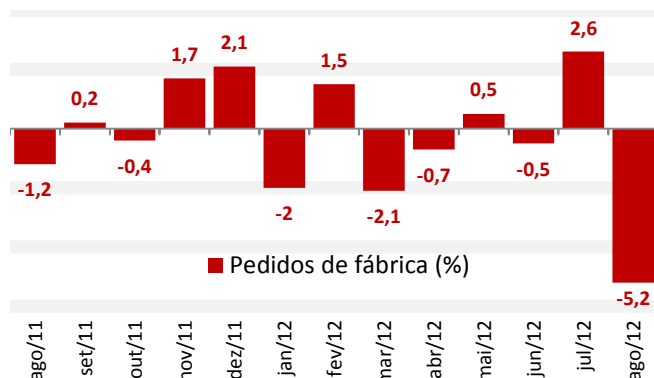


Já o indicador de encomendas da indústria fechou agosto com queda de 5,2%, para US\$ 452,8 bilhões, porém veio melhor que o esperado pelos analistas, em -5,9% (máx: -1,2%, mín: -8,0%). Tal movimento de queda foi influenciado pelas encomendas do setor de transporte, com -34,9% em agosto, com cancelamentos nas encomendas de aeronaves e -11% nas encomendas de automóveis e peças.

Informativo Semanal de Economia Bancária

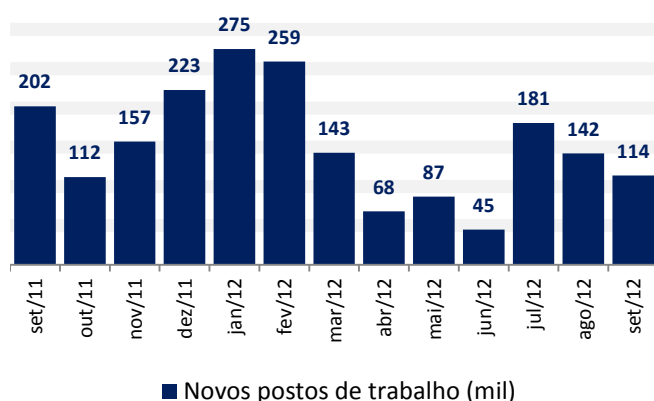
Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162

Aliado aos dados de nível de atividade, o resultados positivos do mercado de trabalho trouxeram melhores perspectivas para a economia norte-americana.

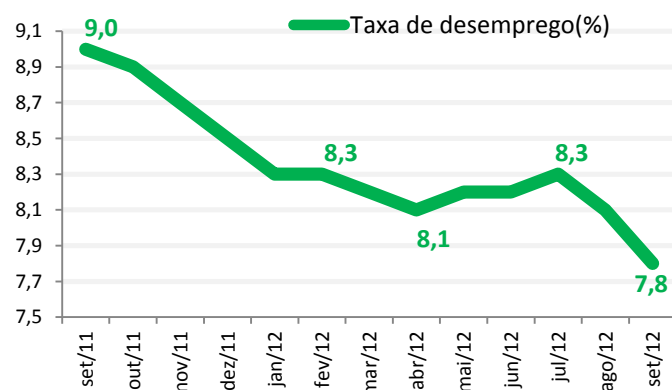


Mercado de Trabalho

A criação de vagas atingiu 114 mil novos postos de trabalho em setembro, sendo o dado de agosto revisado para 142 mil, de 96 mil, e de 115 mil novas vagas projetadas pelos analistas consultados (máx: 165 mil, mín: 60 mil). No setor privado foram criadas 104 mil vagas, na área industrial foram encerradas 16 mil vagas e no setor público, +10 mil postos.

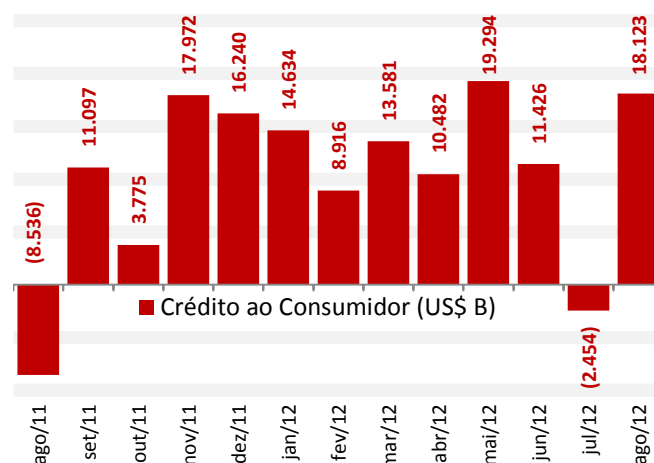


A taxa de desemprego surpreendeu, passando de 8,1% em agosto para 7,8% em setembro, menor nível desde 2009 e ainda abaixo da mediana projetada em 8,2% (máxima: 8,3%, mínima: 8,0%).



Crédito ao Consumidor

O crédito ao consumidor cresceu com taxa anualizada de 8,03% em agosto (+US\$ 18,12 bilhões), para US\$ 2,726 trilhões, após contração em julho. O dado ficou acima da mediana projetada em +US\$ 7,25 bilhões (máxima: US\$ 11,0 B, mínima: US\$ 3,7 B). Os dados de julho foram revisados de -US\$ 3,28 bilhões, para -US\$ 2,45 bilhões.



No crédito rotativo, que inclui cartão de crédito, o aumento foi de US\$ 4,2 bilhões (5,92%) em agosto, para US\$ 854,91 bilhões. O crédito não rotativo - que inclui empréstimos estudantis e financiamentos automotivos - cresceu US\$ 13,92 bilhões (9%), para US\$ 1,871 trilhão.

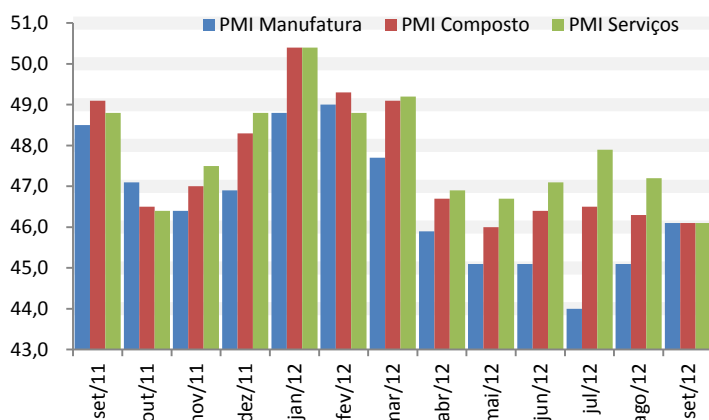
Zona do Euro

Nível de Atividade

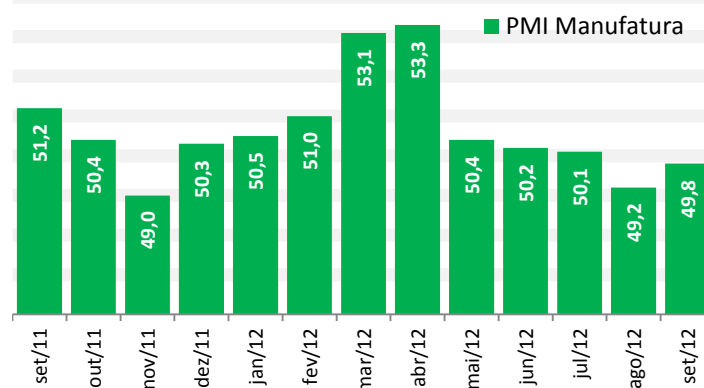
Os PMIs da Zona do Euro confirmaram a forte probabilidade de não haver crescimento do bloco neste ano. O PMI Manufatura de setembro ficou em 46,1, ante 45,1 em agosto e acima da mediana das estimativas, em 46,0 (máx: 46,0, mín: 46,0). O PMI Composto de setembro passou de 46,3 em agosto para 46,1 em setembro e ficou acima da mediana projetada pelos analistas, em 45,9 (máxima: 46,0, mínima: 45,8). Já o PMI de Serviços caiu de 47,2 em agosto para 46,1 em setembro, mas também acima da mediana projetada de 46,0 (máx: 46,0, mín: 46,0).

Informativo Semanal de Economia Bancária

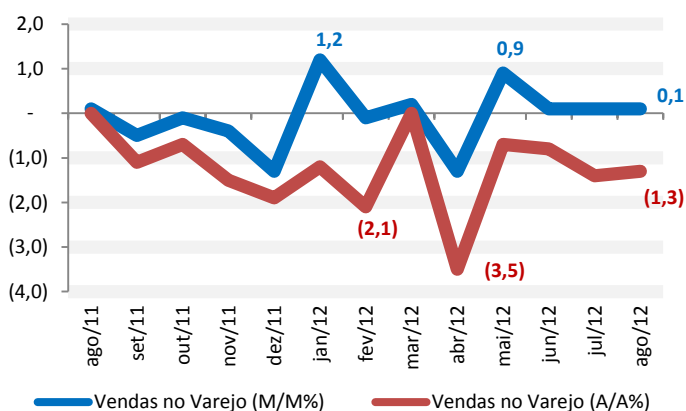
Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162



O PMI da China para o final de setembro passou de 49,2 pontos para 49,8 pontos, dado que apesar de positivo ainda é considerado fraco, uma vez que ainda está no lado da contração (abaixo de 50). A melhora do indicador foi puxada pelo subíndice de produção (51,3) e o subíndice de novas encomendas (49,8). O dado ficou abaixo da mediana das projeções em 50,1 (máxima: 50,7, mínima: 49,10).



Em contrapartida, as vendas no varejo em agosto surpreenderam e avançaram 0,1% no mês -1,3% ante ago/11, melhores que os -0,1% e -1,9% esperados pelos analistas, respectivamente. Destaquem-se as vendas no varejo (mensal) nos seguintes países: Luxemburgo (+2,9%), Portugal (+2,8%) e Espanha (+2,1%). Por sua vez, vale ressaltar a França com recuo de 0,8% ainda na comparação mensal.



Empresa	Código	Variação (%)		Acumulado (%)
		Semanal	Mensal	Anual
Ibovespa	IBOV	-1,0	0,4	14,3
Petrobras	PETR4	-0,5	6,0	21,6
Vale	VALE5	-0,8	2,6	-8,7
BANCOS				
Santander	SANB11	1,4	-5,1	15,6
Itaú Unibanco	ITUB4	0,7	-5,0	6,2
Bradesco	BBDC4	-0,7	-3,8	20,3
Bco. Do Brasil	BBAS3	-5,2	-5,3	2,2
BIC	BICB4	-1,0	15,6	-2,0
Banrisul	BRSR6	2,1	1,8	10,1
Daycoval	DAYC4	0,5	4,6	33,5
Panamericano	BPNM4	-0,2	1,8	-18,0
ABC	ABCB4	-0,4	-7,8	34,5
Sofisa	SFSA4	1,4	-1,3	8,7
Pine	PINE4	-3,1	-0,2	55,0
Paraná Banco	PRBC4	1,6	5,6	36,1
Indusval	IDVL4	0,5	0,5	-9,3

Desemprego

A taxa de desemprego na Zona do Euro manteve-se em 11,4% em agosto, mesmo nível de julho, o equivalente a 18,196 milhões de pessoas, segundo dado revisado. O dado ficou em linha com a mediana das projeções em 11,4% (máx: 11,4%, mín: 10,8%). O resultado do desemprego foi puxado pela taxa da Espanha, em 25,1%.

China

PMI

Informativo Semanal de Economia Bancária

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162

Indicadores Úteis

Indicadores do Mercado	05/10/12	28/09/12	05/09/12	Var. (p.p.) semanal e mensal
Meta Selic (% a.a.)	7,50	7,50	7,50	0,00 p.p./ 0,00 p.p.
Juros DI de Janeiro de 2013 (%a.a.)	7,09	7,26	7,27	-0,17 p.p./ -0,18 p.p.
Juros DI de Janeiro de 2014 (%a.a.)	7,39	7,71	7,78	-0,32 p.p./ -0,39 p.p.
Juros US\$ 180 dias (Swap cambial - taxa % anualizada)	1,27	1,38	1,38	-0,11 p.p. / -0,11 p.p.
Juros US\$ 360 dias (Swap cambial - taxa % anualizada)	1,56	1,78	1,70	-0,22 p.p. / -0,14 p.p.
Taxa de câmbio (Ptax)	2,02	2,03	2,04	-0,49% / -0,98%
Fed Funds (%)	0,25	0,25	0,25	0,00 p.p./0,00 p.p.
T-BOND (10 anos - %)	1,74	1,63	1,60	0,11 p.p./ 0,14 p.p.
T-BOND (30 anos - %)	2,97	2,82	2,71	0,15 p.p./ 0,26 p.p.

Fonte: Bloomberg e Banco Central do Brasil

FOCUS - Indicadores Selecionados	2012				2013			
	05/10/12	28/09/12	05/09/12	Tendência*	05/10/12	28/09/12	05/10/12	Tendência*
IPCA (%)	5,42	5,36	5,24	▲	5,44	5,48	5,54	▼
PIB (% de crescimento)	1,57	1,57	1,62	=	4,00	4,00	4,00	=
Meta Selic (%a.a.)	7,50	7,50	7,25	=	8,00	8,00	8,25	=

Fonte: Banco Central do Brasil

* comportamento dos indicadores desde o último Relatório de Mercado do Bacen.

Pesquisa FEBRABAN de Projeções e Expectativas	2012			2013	
	Jun/12	Jul/12	Set/12	Jul/12	Set/12
Saldo das Operações de Crédito					
Operações de Crédito Total (% crescimento)	15,9	15,9	16,0	15,8	15,9
Operações de Crédito - PF (% crescimento)	14,8	14,9	15,0	14,8	14,9
Operações de Crédito - PJ (% crescimento)	14,8	14,9	15,0	15,0	15,2
Taxa Média de Inadimplência Total (%)	5,3	5,4	5,5	5,0	5,0

Fonte: Pesquisa FEBRABAN de Projeções e Expectativas de Mercado

Indicadores de Crédito - Evolução Recente	Ago/12	Jul/12	Ago/11	Var. (mensal e 12 meses)
Saldo Total das Operações de Crédito (R\$ bi)	2.211,0	2.184,6	1.890,0	1,2% e 17,0%
Saldo das Operações de Crédito com PF (CRTJ R\$ bi)	558,4	551,1	483,9	1,3% e 15,4%
Saldo das Operações de Crédito com PJ (CRTJ R\$ bi)	604,1	599,1	511,9	0,8% e 18,0%
Taxa Média de Inadimplência Total (%)	5,9	5,9	5,3	0,0 p.p. e 0,6 p.p.
Taxa Média de Inadimplência PF (%)	7,9	7,9	6,8	0,0 p.p. e 1,1 p.p.
Taxa Média de Inadimplência PJ (%)	4,1	4,0	3,9	0,1 p.p. e 0,2 p.p.

Fonte: Banco Central do Brasil

Informativo Semanal de Economia Bancária

Semana de 08 a 12 de outubro - Ano 4, Nº. 162

Spread Bancário	Ago/12	Jul/12	Ago/11	Var. (p.p.) Mensal
Spread Bacen Total (p.p.)	22,5	23,0	27,8	-0,5
Spread FEBRABAN Total (p.p.)	16,9	17,3	20,7	-0,4
Spread Bacen PF (p.p.)	27,7	28,4	34,4	-0,7
<i>Cheque Especial - pré</i>	141,3	143,6	175,6	-2,3
<i>Crédito Pessoal - pré</i>	31,4	32,1	37,8	-0,7
<i>Aquisição de Veículos - pré</i>	12,7	13,3	17,6	-0,6
<i>Aquisição de Outros Bens - pré</i>	51,8	51,1	43,3	0,7
Spread FEBRABAN PF (p.p.)	21,6	22,3	27,4	-0,7
Spread Bacen PJ (p.p.)	15,7	16,0	19,0	-0,3
<i>Desconto de Duplicatas - pré</i>	26,9	26,8	31,5	0,1
<i>Capital de Giro - pré</i>	12,7	12,7	17,3	0,0
<i>Conta Garantida - pré</i>	92,7	96,3	97,0	-3,6
<i>Aquisição de Bens - pré</i>	4,7	4,2	4,2	0,5
Spread FEBRABAN PJ (p.p.)	12,1	12,4	14,3	-0,3

Fonte: FEBRABAN e Banco Central do Brasil

Diretoria de Assuntos Econômicos
economia@febraban.org.br

Rubens Sardenberg - Economista-chefe
Jayme Alves - Economista sênior
Rachel Peixoto - Economista júnior